

AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS NA ESTAÇÃO ECOLÓGICA DO SERIDÓ EM SERRA NEGRA DO NORTE-RN

Dáwila Rayane Lopes da Silva¹

(Graduanda em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (84) 99801-9070, dawila20230006559@alu.uern.br)

Robertinho Junior Cipriano da Silva²

(Mestrando em Ensino, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (84) 98164-8518, robertinhojunior@alu.uern.br)

Agassiel de Medeiros Alves³

(Doutor em Geografia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, (84) 99664-9724, agassielalves@uern.br)

RESUMO

Este artigo discute a relevância da aula de campo como estratégia didática essencial para o ensino de Geografia, destacando a experiência vivenciada na Estação Ecológica do Seridó, em Serra Negra do Norte-RN. A atividade foi realizada no âmbito da disciplina de Biogeografia e proporcionou aos licenciandos uma imersão prática no bioma Caatinga, permitindo a observação direta de elementos naturais e suas inter-relações. A vivência contribuiu para ampliar a compreensão sobre os conteúdos teóricos abordados em sala de aula, favorecendo uma aprendizagem contextualizada, sensível e crítica. A partir dessa experiência, evidenciou-se o potencial da aula de campo na produção de uma educação geográfica reflexiva, que valoriza os saberes do território e estimula o pensamento ambiental. O estudo reforça a importância de integrar práticas de campo no ensino de Geografia, tornando-as parte estruturante na construção de uma abordagem pedagógica transformadora e significativa.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Caatinga. Sala de aula.

Identificação do GT

GT5: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

A Geografia possibilita diversas metodologias para o ensino, as quais ampliam as ferramentas pelo qual o processo de ensino-aprendizagem acontece. A aula de campo é dentre essas, um dos meios que mais se destaca, principalmente por permitir a junção de vários elementos, que vão desde o mais teórico ao mais prático. A parte teórica se refere a leitura de textos, debates, seminários e discussões em sala, já a parte prática, pode ser aplicada a partir de visitas de campo por meio de vivências e experiências do “mundo real”.

Os autores Santos e Buriti (2020) destacam que a aula de campo é de grande importância, pois auxilia na compreensão dos alunos, favorecendo o processo de aprendizagem.

Essa metodologia não tira a valorização do cotidiano da sala, pelo contrário, facilita o enriquecimento dela, pois o aluno consegue ver o sentido prático do que se é abordado em textos e leituras diárias.

Citon *et al.* (2013) discutem que a aula de campo desperta um maior interesse por parte dos alunos, trazendo um contexto mais dinâmico no ensino. O que se torna um fator diferencial, principalmente em tempos em que a educação vem sofrendo críticas por estar associada somente a práticas singulares de ensino.

Para Araújo, Albuquerque e Sousa (2024) a aula de campo detém de uma grande relevância como estratégia eficaz para o ensino de Geografia, o que corrobora e favorece sua utilização pelos professores. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo geral entender a importância da visita à Estação Ecológica do Seridó em Serra Negra do Norte-RN (ESEC do Seridó) para o ensino de Geografia, a partir da disciplina de Biogeografia.

O município de Serra Negra do Norte-RN está localizado na mesorregião Central Potiguar e na microrregião Seridó Ocidental, fazendo fronteiras com os municípios de Jardim de Piranhas, Timbaúba dos Batistas, São João do Sabugi e Caicó e com o Estado da Paraíba (CPRM, 2005). Atualmente, estima-se que sua população tenha aproximadamente 7.597 habitantes com base no censo populacional realizado pelo IBGE no ano de 2022.

Dentro do município de Serra Negra do Norte está localizado o ESEC do Seridó com uma área de 1.123,61 hectares. A estação teve sua criação autorizada no decreto nº 87.222 de 31 de maio de 1982, se enquadrando uma como unidade de conservação federal, possuindo a gerência executiva do IBAMA do RN (Brasil, 2004). O local possui diversos elementos constituintes do bioma Caatinga, o qual se torna um palco indispensável para abordagem de estudos e pesquisas, principalmente no ensino de Geografia.

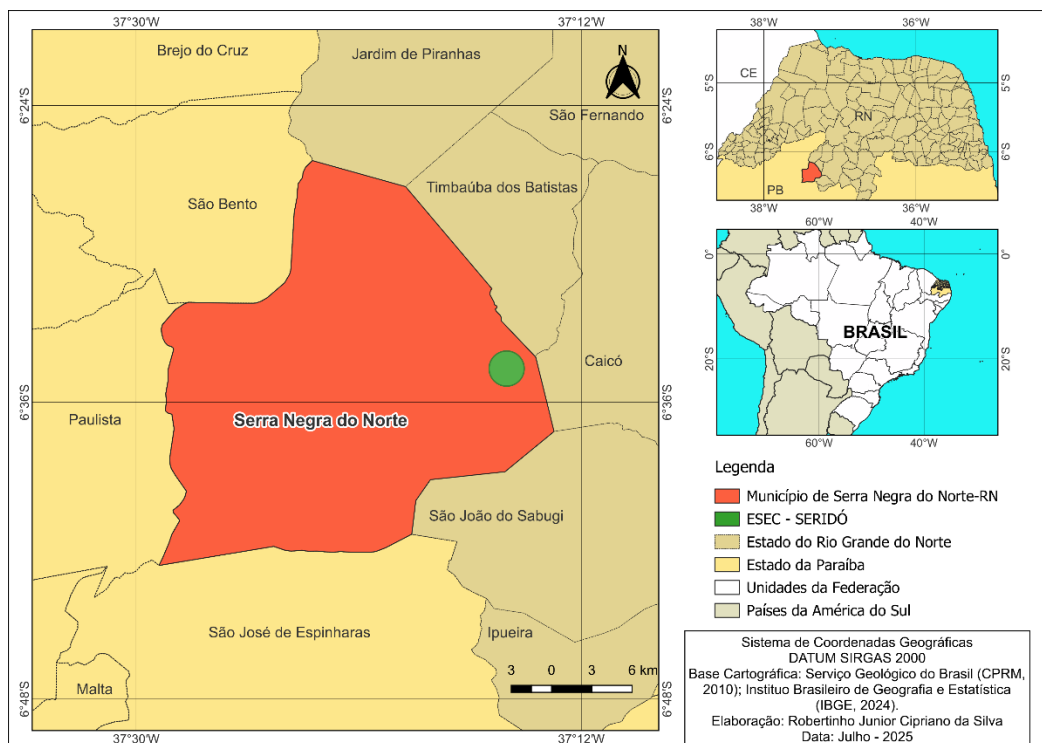
O trabalho se justifica diante da necessidade de validar e estimular metodologias mais práticas para o ensino de geografia e por servir como um potencial indicador para o incentivo às visitas de campo ao ESEC do Seridó, além de servir como acervo bibliográfico para futuros estudos sobre a temática.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi realizado a partir da aula campo que ocorreu para a ESEC Seridó no município de Serra Negra do Norte-RN (ver no mapa 1 abaixo), a visita aconteceu dentro da disciplina de Biogeografia no 5º período do curso de Geografia da Universidade do Estado do

Rio Grande do Norte (UERN) – Campus Pau dos Ferros-RN. A atividade ocorreu no dia 09 de junho de 2025. A visita contou com um percurso pela estação com o auxílio de um guia local que juntamente com o professor da disciplina apresentou e explicaram diversos aspectos relativos às características dos elementos biogeográficos dos pontos visitados.

Mapa 1 – Mapa de localização do município de Serra Negra do Norte-RN



Fonte: Elaboração dos autores, 2025

A análise do estudo se deu com base nas informações obtidas a partir da vivência, anotações, registros fotográficos do local, para assim verificar como elas podem ser associadas ao ensino de Geografia. A metodologia de abordagem seguiu a perspectiva qualitativa que com base em Lima e Moreira (2017) busca a compreensão detalhada do objeto de pesquisa, permitindo o aprofundamento da investigação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

As aulas de campo ocupam um papel central no processo de ensino e formação para os professores de Geografia, por possibilitar a articulação entre teoria e prática em um contexto real e dinâmico. Ao deslocar o ensino para além das fronteiras da sala de aula, essas vivências

potencializam a construção do conhecimento geográfico por meio da observação, da experiência e da análise direta do espaço vivido.

No contexto do ensino de Geografia, a visita à ESEC do Seridó, constituiu-se como uma experiência significativa que ilustra com clareza o valor pedagógico das práticas de campo. Os autores Oliveira e Assis (2009) contextualizam nesse sentido, ao trazerem que a aula de campo facilita o processo de elucidação da aprendizagem na Geografia.

Dentre os diversos momentos que compuseram a atividade, dois aspectos se destacam pela sua relevância para o ensino de Geografia: a observação direta da paisagem e a compreensão das interações entre os elementos naturais do ambiente. A observação permitiu um contato sensível e analítico com os componentes físicos e biológicos do bioma Caatinga, como a vegetação xerófila adaptada à escassez hídrica, os afloramentos rochosos e os solos pedregosos. Tal vivência auxilia os estudantes em sujeitos ativos no processo de aprendizagem, à medida que se envolvem com os fenômenos geográficos de forma sensorial, visual e crítica.

Sampaio *et al.* (2002) destacam que, apesar da aparência árida, a Caatinga possui uma diversidade vegetal significativa, cujas formas de adaptação representam conteúdos essenciais para o ensino da Geografia física. Ao observar diretamente essas características, os aprendizes puderam desconstruir estereótipos sobre o semiárido e compreender sua complexidade ecológica.

Figura 1 – Exemplos de rochas, vegetação e solo do bioma da caatinga na ESEC do Seridó



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

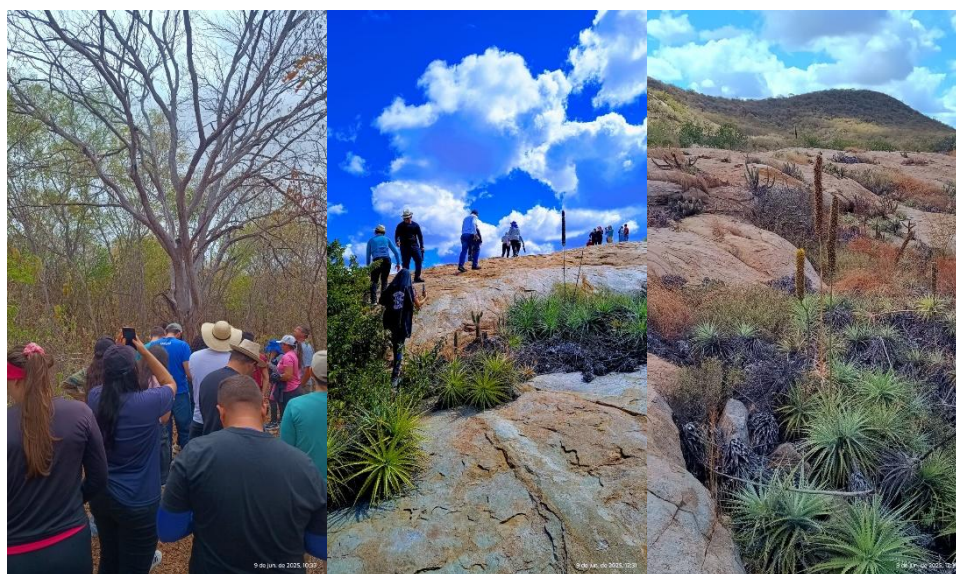
A visita de campo também proporcionou uma compreensão clara das interações entre relevo, clima e vegetação, um dos pilares da análise geográfica. Ao longo do trajeto das trilhas, especialmente na subida à Serra Verde, foram percebidas variações na coloração e densidade da vegetação, associadas à altitude e à insolação. Tais mudanças evidenciam como os fatores naturais interagem e moldam a paisagem.

Segundo Primack e Rodrigues (2001), a compreensão dessas relações ecológicas é fundamental, tanto para a conservação ambiental quanto para o trabalho educativo que visa sensibilizar quanto à complexidade dos sistemas naturais. Ao observar as relações entre as condições ambientais e a distribuição da flora, os discentes puderam vivenciar na prática os conteúdos discutidos em sala de aula, tornando o conhecimento mais concreto e duradouro.

Essas experiências práticas possuem impacto direto no ensino e na formação, pois favorecem o desenvolvimento de competências fundamentais ao ensino da Geografia, como a leitura e interpretação da paisagem, a análise multiescalar dos fenômenos e a articulação entre saberes científicos e realidades locais.

Freire (1996) já argumentava que é por meio da vivência que o aprendizado se torna verdadeiramente significativo, ao conectar o saber à experiência e à realidade do sujeito. Ao tomar o território como objeto de estudo e como espaço pedagógico, os estudantes ampliam sua capacidade de construir práticas contextualizadas, críticas e transformadoras.

Figura 2 – Percurso na Trilha da Caveira e na Trilha da Serra Verde na ESEC do Seridó



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Essa relevância é reforçada por Braga (2018), que, ao realizar uma revisão bibliográfica sobre o papel da aula de campo na formação de professores de Geografia, destaca que tais experiências ainda enfrentam desafios de integração curricular. A autora defende que a prática de campo deve estar institucionalmente prevista e valorizada nos projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura, funcionando não como exceção, mas como parte constitutiva de uma formação crítica e situada, pois é no contato direto com os territórios que os licenciandos desenvolvem a capacidade de articular teoria, prática e realidade social, qualificando suas futuras práticas docentes.

Além disso, a dimensão ambiental presente nesse tipo de atividade fortalece uma postura ética e crítica frente às questões socioambientais. Loureiro (2006) afirma que a formação de sujeitos ecológicos ocorre a partir da integração entre conhecimento científico, experiência prática e consciência crítica. Ao possibilitar esse tipo de vivência integrada, a aula de campo torna-se um instrumento pedagógico que vai além da simples transmissão de conteúdos, promovendo uma percepção ampliada do meio ambiente e das responsabilidades coletivas frente à sua conservação.

Na aula de campo realizada na ESEC do Seridó, também foi possível fazer uma visita ao Museu Natural localizado na Biblioteca Pública do município de Serra Negra do Norte, onde os alunos tiveram a experiência de ter o contato com várias espécies de animais que foram taxidermizados, e representam um legado do trabalho desenvolvido junto à Estação Ecológica do Seridó, pelo Prof. Adalberto Antônio Varela-Freire (*in memoriam*), cuja dedicação e pesquisa, renderam a base do conhecimento científico que serviu a tantos pesquisadores da caatinga brasileira.

Figura 4 – Visita ao Museu Natural de Serra Negra do Norte (Primeiro momento)



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Figura 5 – Visita ao Museu Natural de Serra Negra do Norte (Segundo momento)



Fonte: Acervo dos autores, 2025.

Esta última atividade permitiu aos alunos o acesso a muitas espécies que só conheciam de forma digital, e cujos diálogos entre o professor, os alunos e o guia do museu, constituíram uma base vivencial sobre as relações, tanto entre os elementos bióticos e abióticos, quanto as relações entre homem e o meio ambiente que fazem parte da história do interior do sertão potiguar, do nordeste brasileiro.

Nesta aula de campo, acreditamos que foi possível embasar na formação destes alunos novas perspectivas na prática da leitura das paisagens, dos geossistemas e das nuances da convivência com o meio natural, e os impactos relacionados a todas estas relações.

5. CONCLUSÕES

As reflexões apresentadas evidenciam que a aula de campo não deve ser tratada como atividade secundária, mas como componente essencial na formação crítica, ativa e territorializada do ensino de Geografia. A experiência vivenciada na ESEC do Seridó reforça o valor do contato direto com o espaço geográfico como estratégia de ensino e aprendizagem significativa.

Além de articular teoria e prática, essa vivência contribui para a valorização do semiárido e para o desenvolvimento de um olhar sensível às dinâmicas socioambientais. Assim, reafirma-se o papel formativo da aula de campo na construção de práticas pedagógicas comprometidas com a realidade dos territórios e com a transformação social.

Portanto, ao aproximar os estudantes da realidade concreta do território, essas experiências contribuem para consolidar os conteúdos acadêmicos, estimulando o pensamento investigativo e promovendo aprendizagens contínuas e transformadoras. Dessa forma, contribuindo para formação de profissionais capazes de interpretar realidades complexas, valorizando os saberes locais e os processos socioculturais/ambientais. A observação direta, o registro, o diálogo com a comunidade e a análise *in loco* tornam-se instrumentos essenciais na formação de um olhar geográfico comprometido com o ensino de qualidade.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Raimundo Lenilde de; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva; SOUSA, Marcos Gomes de. AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: PLANEJAMENTO, POSSIBILIDADES E DISCUSSÕES. *Geoconexões*, [S. l.], v. 3, n. 20, p. 23–47, 2024. DOI: 10.15628/geoconexes.2024.17312. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BRAGA, Clézia Aquino de. **A percepção dos professores do IFPE na contribuição do ensino da geografia: a aula de campo como mediação pedagógica**. 2016. 144 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/23440?mode=full>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente; INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Plano de Manejo ESEC do Seridó: Encarte 1 Contextualização da UC**. Brasília, DF, 2004. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/caatinga/lista-de-ucs/esec-do-serido>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CITON, Romilda Castelar; PASCHOAL, Wilson Aparecido; PIANOVSKI, Diego; SHINOBU, Patrícia Fernandes Paula; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. Aula de campo como espaço de construção do saber geográfico. **Revista Eletrônica PRO-DOCÊNCIA/UDEL**. Londrina, PR, v. 1, n. 5, p. 120-127, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/prodocenciafope/pages/edicoes-anteriores/n.5-v.05-jul-dez-de-2013.php>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- CPRM - Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. **Diagnóstico do município de Serra Negra do Norte, estado do Rio Grande do Norte** / Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Saulo de Tarso Monteiro Pires, Dunaldson Eliezer Guedes Alcoforado da Rocha, Valdecílio Galvão Duarte de Carvalho. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: <https://rigeo.sgb.gov.br/handle/doc/17079>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
-

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022** Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/serra-negra-do-norte.html>
Acesso em: 30 jun. 2025.

LEITE DOS SANTOS, Anderson Felipe.; DOS SANTOS BURITI, Maria Marta. Importância da aula de campo no processo de ensino e aprendizagem de geografia. **Revista GeoUECE**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 181–194, 2020. DOI: 10.59040/GEOUECE.2317-028X.v9.n16.181-194. Acesso em: 24 jun. 2025.

LIMA, Maria do Socorro Bezerra; MOREIRA, Erika Vanessa. A Pesquisa Qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 2, n. 37, p. 27–55, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708/3618>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Educação ambiental e a formação de sujeitos ecológicos**. São Paulo: Cortez, 2006.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 195–209, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/28188/30001>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Elysandra. **Biologia da conservação**. Londrina: Editora Planta, 2001.

QGIS GEOGRAPHIC INFORMATION SYSTEM. QGIS. Versão 3.16. [Software]. [S. l.]: Open Source Geospatial Foundation Project, 2021. Disponível em: <http://qgis.osgeo.org>. Acesso em: 24 jul. 2025.

SAMPAIO, E. V. S. B. *et al.* Vegetação e flora da Caatinga. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (Orgs.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002. p. 35–74.
